Revista Portal – Saúde e Sociedade
E - ISSN **2525-4200**
Volume 8 (2023), Fluxo contínuo, e02308026
https://doi.org/10.28998/rpss.e02308026
https://www.seer.ufal.br/index.php/nuspfamed/index

Artigo original

RESISTÊNCIAS E VULNERABILIDADES DE PESSOAS LGBTI+ NA PANDEMIA DE COVID-19: SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO

RESISTANCES AND VULNERABILITIES OF LGBTI+ PEOPLE DURING THE COVID-19 PANDEMIC: HEALTH, EDUCATION, AND EMPLOYMENT

RESISTENCIAS Y VULNERABILIDADES DE PERSONAS LGBTI+ EN LA PANDEMIA DE COVID-19: SALUD, EDUCACIÓN Y TRABAJO

João Batista de Oliveira Junior [1] – https://orcid.org/0000-0002-4232-8165
Virginia de Menezes Portes [1] – https://orcid.org/0000-0001-6604-1962
Stephany Yolanda Ril [1] – https://orcid.org/0000-0003-1417-2244
Murilo Kazuo Iwassake [2] - https://orcid.org/0000-0003-1422-2141
Artur Mecabo [2] – https://orcid.org/0009-0001-3724-0652
Rodrigo Otávio Moretti-Pires [1] - https://orcid.org/0000-0002-6372-0000.

[1] Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Saúde Pública, Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.
[2] Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Saúde Pública, Programa de Pós-graduação em Odontologia.

Autor correspondente: Stephany Yolanda Ril. Endereço: R. Delfino Conti, S/N - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-370, E-mail: stephanyril.ss@gmail.com

Recebido em: 20/04/2023----Aprovado em: 05/12/2024----Publicado em: 11/03/2025

RESUMO

Introdução: A pandemia de covid-19 impactou significativamente a vida das pessoas, incluindo aquelas que já enfrentavam desafios sociais e estruturais antes do surgimento da pandemia, como as pessoas LGBTI+. **Objetivo:** Buscou-se refletir sobre as experiências de pessoas LGBTI+ em relação ao acesso à saúde, educação e trabalho durante a pandemia de covid-19, identificando os principais obstáculos enfrentados por essa população e discutindo como a pandemia intensificou as barreiras sociais impostas às minorias sexuais e de gênero. **Métodos:** Foram realizados Grupos Focais online e síncronos com pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais. **Resultados:** Houve maiores obstáculos para acessar cuidados de saúde, especialmente para a população trans, que já enfrentava dificuldades para chegar à atenção primária. Além disso, o aumento do desemprego e a interrupção do ensino também foram destacados, assim como os impactos na saúde mental e física. **Conclusão:** Os achados contribuem para uma reflexão crítica sobre a intensificação das barreiras sociais impostas às pessoas LGBTI+, assim como o isolamento social, visto como uma nova experiência coletiva mundial já vivida pela população trans. Conclui-se que é necessário o desenvolvimento de políticas públicas e estratégias para a inclusão das pessoas LGBTI+ em tempos de crise, objetivando garantir o acesso a serviços essenciais.

Palavras-Chave
Minorias Sexuais e de Gênero;
Saúde;
Educação;
Trabalho;
Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

Introduction: The COVID-19 pandemic had significant impacts on people's lives, including those who were already facing social and structural challenges before the pandemic, such as LGBTI+ people. **Objective:** This article aimed to reflect on the experiences of LGBTI+ people regarding access to health, education, and work during the COVID-19 pandemic, identifying the main obstacles faced by this population and discussing how the pandemic intensified the social barriers imposed on sexual and gender minorities. **Methods:** Online and synchronous focus

Keywords
Sexual and Gener;
Health;
Education;
Work;
COVID-19 Pandemic.

groups were conducted with lesbian, gay, bisexual, and transgender people. **Results:** There were greater obstacles to accessing healthcare, especially for the transgender population, who already faced difficulties in reaching primary care. Additionally, increased unemployment and disruption of education were highlighted, as well as mental and physical health. **Conclusion:** The findings contribute to a critical reflection on the intensification of social barriers imposed on LGBTI+ people, as well as social isolation, as a new collective worldwide experience already lived by the transgender population. It is concluded that it is necessary to develop public policies and strategies for the inclusion of LGBTI+ people in times of crisis, aiming to ensure access to essential services.

RESUMEN

Introducción: La pandemia de covid-19 ha tenido un impacto significativo en la vida de las personas, incluyendo aquellas que ya enfrentaban desafíos sociales y estructurales antes de la aparición de la pandemia, como las personas LGBTI+. **Objetivo:** Se buscó reflexionar sobre las experiencias de las personas LGBTI+ en relación al acceso a la salud, educación y trabajo durante la pandemia de covid-19, identificando los principales obstáculos enfrentados por esta población y discutiendo cómo la pandemia intensificó las barreras sociales impuestas a las minorías sexuales y de género. **Métodos:** Se realizaron Grupos Focales en línea y sincrónicos con personas lesbianas, gays, bisexuales y transexuales. **Resultados:** Hubo mayores obstáculos para acceder a cuidados de salud, especialmente para la población trans, que ya enfrentaba dificultades para llegar a la atención primaria. Además, el aumento del desempleo y la interrupción de la educación también fueron destacados, así como la salud mental y física. **Conclusión:** Los hallazgos contribuyen a una reflexión crítica sobre la intensificación de las barreras sociales impuestas a las personas LGBTI+, así como el aislamiento social, como una nueva experiencia colectiva mundial ya vivida por la población trans. Se concluye que es necesario el desarrollo de políticas públicas y estrategias para la inclusión de las personas LGBTI+ en tiempos de crisis, con el objetivo de garantizar el acceso a servicios esenciales.

Palablas Clave
Minorías Sexuales y de Género;
Salud;
Educación;
Trabajo;
Pandemia de Covid-19.

Introdução

A pandemia de covid-19 gerou consequências imensuráveis e afetou a saúde física e mental de milhões de pessoas. Nesse período, evidenciou-se a relação entre a vulnerabilidade social e a exposição ao vírus. O comportamento da doença entre os diferentes grupos sociais revelou a importância das políticas públicas para garantir equidade e justiça social, sobretudo para grupos historicamente marginalizados.

As minorias sexuais e de gênero, como pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, intersexuais, assexuais e outros (LGBTI+), estão submetidos à exclusões sociais e diferentes tipos de violências. Essa população é particularmente vulnerável em relação às condições de saúde, incluindo o acesso limitado à saúde, à educação e ao trabalho, além da falta de reconhecimento legal e social de suas identidades de gênero e orientação sexual. Além disso, as violências cometidas se interseccionam com outras opressões, como raça, classe, etnia e deficiência, potencializando o estigma social e discriminação[1].

Durante a pandemia, a população LGBTI+ foi ainda mais afetada, tanto pelo vírus quanto pelos processos sociais vivenciados[2]. A exposição às violências resultou em uma piora do estado da saúde mental devido ao isolamento social, como mostram os dados do relatório *OutRight Action International*[3]. Oliveira e colaboradores[4], ao refletirem sobre as experiências vividas por esse grupo, questionam o termo

"isolamento social", propondo uma mudança para "isolamento físico", evidenciando que o isolamento social já fazia parte do cotidiano dessa população, intensificando-se ainda mais durante a pandemia.

Considerando essa problemática, torna-se imprescindível o desenvolvimento de estratégias intersetoriais que visem minimizar seus efeitos negativos, indo além do combate ao vírus. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as experiências vivenciadas por indivíduos LGBTI+ em relação ao acesso à saúde, educação e trabalho.

Métodos

Realizou-se uma pesquisa qualitativa utilizando grupos focais síncronos online[5] para abordar questões sociais nas esferas da saúde, educação e trabalho no contexto da experiência LGBTI+. Optou-se pelo formato online devido à proibição de encontros presenciais durante a pandemia. Os participantes foram recrutados por meio de convite público compartilhado nas redes sociais, e os grupos foram realizados na plataforma criptografada *Cisco Webex*, garantindo a confidencialidade.

Os interessados na pesquisa preencheram um formulário com questões relativas a dados sociodemográficos, como gênero e raça, totalizando 41 respostas. Destas, apenas 21 pessoas participaram dos grupos, classificados da seguinte forma: 1 - Homens Cisgênero Gays (6 participantes); 2 – Mulheres Cisgênero Lésbicas (6 participantes); 3 - Pessoas Cisgênero Bissexuais (5 participantes); e 4 – Pessoas Trans – adota-se essa terminologia para abranger todas as possibilidades de identificação dentro das experiências trans – (4 participantes).

Os grupos duraram, em média, 90 minutos, foram gravados com a anuência dos participantes e transcritos na íntegra. Para análise dos dados, utilizou-se a abordagem de análise temática proposta por Braun e Clarke[6]. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob parecer Nº 4.174.944, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido realizada via *Google Docs*.

Resultados

O formulário sociodemográfico foi respondido por 41 participantes e revelou que, quanto à orientação sexual, 12,2% (05) se declararam gays, 26,83% (11) lésbicas e 36,58% (15) bissexuais. Em relação à expressão de gênero, 26,83% (11) se expressam como homens e 73,17% (30) como mulheres. Do total,

68,3%(28) se autodeclararam brancos, 14,63% (06) pretos, 12,2% (05) pardos e 2,43% (01) amarelos. Os resultados foram organizados nas seguintes catsegorias: 1) Acesso à saúde: barreiras e iniquidades; 2) Acesso à educação: relação entre ser LGBTI+ e as experiências nos espaços de ensino; e 3) Acesso ao trabalho: dificuldades na inserção e permanência no trabalho.

1. Acesso à Saúde: barreiras e iniquidades

Referente aos serviços de saúde, o grupo afirmou que havia diferenças de atendimento nos serviços públicos e privados. Apesar de a atuação profissional ser mais cautelosa nos serviços privados, em comparação com os públicos, ainda foram identificadas violências discursivas. O acesso aos serviços privados, por meio do pagamento de planos de saúde, foi entendido como influenciador de um tratamento mais adequado, enquanto no Sistema Único de Saúde (SUS), as situações de violências foram apontadas com mais frequência. Todavia, alguns serviços do SUS foram elogiados e reconhecidos como essenciais, como o ambulatório para atendimento da população trans em Florianópolis, Santa Catarina.

Uma experiência muito importante que tive na transição foi no ambulatório trans em florianópolis, pois os profissionais são preparados para o nosso atendimento e necessidades, infelizmente essa é uma realidade muito distante da maioria dos lugares em que os profissionais não têm preparo para o atendimento das pessoas trans e acabamos ficando reféns da "sorte" de encontrar profissionais abertos para um atendimento humanizado (Pessoas Trans).

As iniquidades no atendimento e a violência associada a esses fatores demonstram despreparo dos profissionais no atendimento à pessoas LGBTI+. Além disso, o Serviço de Atenção Especializada no Processo Transexualizador é disponibilizado pelo SUS, e interromper o tratamento hormonal – devido à pandemia – foi uma das dificuldades encontradas por um participante trans. Os relatos quanto ao acolhimento dos participantes foram diversos e se interseccionam com questões de gênero e raça/cor. No grupo de homens cisgênero, ao se apresentarem como homens gays ou bissexuais, houve relatos de pedidos de exames de HIV (vírus da imunodeficiência humana) e indagações sobre relações sexuais com pessoas de outro gênero.

No Rio Grande do Sul uso o plano de saúde do meu pai, que é um militar. Lembro de uma vez que eu tive uma íngua, conversei com meu pai, na hora da consulta ele avisou o médico militar que sou gay, com isso o profissional pediu um exame de HIV (Homens Cis Gays).

(...) eu entrei naquela consulta por um motivo totalmente nada a ver e saí com um encaminhamento para psicologia por me afirmar ser bissexual, eu teria algum problema psicológico que eu deveria tratar, que eu deveria ser avaliada por um profissional porque tinha alguma coisa errada comigo. Foi horrível, traumatizante essa situação e tive que escutar tudo aquilo (Mulheres Cis Lésbicas).

Na narrativa acima, observa-se a patologização da bissexualidade, identificada pelo fato de um participante receber encaminhamento ao psiquiatra, mesmo que seu objetivo na consulta fosse outro. Dentre as barreiras de acesso, destacam-se aquelas relacionadas à orientação sexual e sexualidade. A questão de raça/cor, quando relatada, foi mencionada como a primeira barreira ao acesso. Na tentativa de ultrapassar essa barreira, alguns participantes relataram adotar uma performance de heterossexualidade em consultas e ao doar sangue. No atendimento às pessoas LGBTI+, a ignorância quanto ao gênero e sexualidade faz com que médicos solicitem exames e prescrevam medicamentos desnecessários. Exames sorológicos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) ou prescrições de anticoncepcionais sem a devida necessidade são exemplos entre os achados. A falta de qualificação profissional também foi apontada como uma barreira de acesso aos serviços.

Precisa ter sorte de encontrar um profissional que simpatize com as questões de saúde LGBTI+ (Pessoas Trans).

E*u chegava a ensaiar como eu iria pedir os exames e conversar com o médico para ele não pensar que eu tinha algum problema* (Homens Cis Gays).

Em relação aos impactos da pandemia na saúde LGBTI+, há relatos de um aumento do isolamento por parte de todos os grupos entrevistados. A população trans relatou, principalmente, dificuldades em conseguir acesso aos medicamentos (como, por exemplo, a terapia hormonal), mas destacou que a situação de isolamento já é uma realidade, mesmo antes da pandemia.

Acesso para adquirir os medicamentos foi dificultado e isso me gerava ansiedade, pois não queria voltar pro corpo que eu tinha (Pessoas Trans).

Vivemos em isolamento social desde sempre, esse contexto de quarentena não é novidade para nós, é algo presente na vida das pessoas trans (Pessoas Trans).

Os grupos de mulheres lésbicas e de pessoas trans relataram um aumento significativo no consumo de álcool durante a pandemia como consequência dos desafios impostos pelo isolamento social, algo também observado entre seus pares. Ademais, o grupo de homens gays cis, mulheres lésbicas cis e pessoas bissexuais destacaram o impacto na saúde mental da população LGBTI+, observando o aumento nos casos de ansiedade e depressão.

2. Acesso à Educação: relação entre ser LGBTI+ e as experiências nos espaços de ensino

A experiência deste grupo no ambiente escolar é caracterizada por marcas afetivas ou traumáticas. Relatos envolvendo preconceito, medo, violência física e constrangimentos revelaram-se como marcadores importantes no grupo de homens gays, destacando, inclusive, a necessidade de se mostrar heterossexual para evitar *bullying*:

Tive muitos problemas em salas de aula, os alunos sempre queriam brigar comigo, na 4 série todos decidiram me bater, e as garotas me cercaram e me protegeram, e apenas na 7 série eu cresci e comecei a encarar esses rapazes (Homens Cis Gays).

Muitas vezes nem me sentia protagonista da minha própria história, no colégio tinha que beijar garotas, engrossar a voz, entre outras coisas apenas para passar despercebido (Homens Cis Gays).

A falta de diálogo sobre gênero na educação e a exposição a bullying e violências por ter uma "aparência diferente" também foram mencionadas pelas mulheres lésbicas. Os grupos destacaram que o percurso educacional foi marcado por ameaças e agressões, resultando na perda do protagonismo de suas histórias. Fingir ser "hétero" era visto como o caminho mais fácil e seguro.

Referente às universidades, destaca-se que a maioria dos participantes é oriunda de instituições públicas e de cursos da área da saúde. Os grupos relataram um ambiente menos hostil, com maior acolhimento por parte de colegas e professores, embora ainda existam situações de homofobia e violência de gênero.

Essa questão do tratamento no círculo social mudou mais quando eu entrei na universidade, ficou mais leve de carregar. Antes tinha aquela questão, inclusive dos colegas LGBTQIA+, de ser o indeciso da turma, de ter que ter uma preferência, de não existir isso, de "falta só um empurrãozinho" (Pessoas Bi).

A área escolhida (exatas) também é um sinônimo de ser mais "complicado" para uma mulher lésbica (Mulheres Cis Lésbicas).

Quando fui para Florianópolis, na festa de recepção do meu curso, a odontologia, foi horrível, eu cheguei com uma garota, e todos abriram o centro da festa, apesar disso também conheci pessoas boas, mas até hoje não me relaciono muito bem com as pessoas do meu curso, normalmente são pessoas de outros cursos (Mulheres Cis Lésbicas).

A universidade foi destacada como um espaço que proporcionou o reconhecimento e o acesso aos direitos das pessoas LGBTI+. No entanto, vivências homofóbicas continuaram marcando suas trajetórias, assim como em outros espaços sociais. O grupo ressaltou o privilégio de ingressar no ensino superior, especialmente em uma universidade pública, uma realidade distante para a maioria dessa população.

3. Acesso ao Trabalho: dificuldades na inserção e permanência no trabalho

Os relatos sobre a inserção no mundo do trabalho demonstram a violenta necessidade de adaptação à norma social. Falas como: "*a gente acaba voltando para o armário para não ouvir besteira"* (Pessoas Cisgênero Bissexuais) compõem narrativa coletiva desse grupo. Ademais, há quem não tente se adaptar à cisheteronormativade e enfrente desigualdades na busca por emprego.

Uma vez em um processo seletivo para trabalho, eu cheguei até o final, e consegui a vaga, quando era para começar, me ligaram e falaram que não existia mais a vaga, uma semana depois descobri que uma menina entrou no lugar (Homens Cis Gays).

Atualmente estou trabalhando, porém minha última demissão foi porque contei ser um menino trans (Pessoas Trans).

Quando a população LGBTI+ é admitida em um emprego, enfrenta barreiras de socialização e permanência. Essa população se depara com conversas constrangedoras baseadas na cisheteronormatividade, principalmente em regiões e profissões mais conservadoras. Assim, esconder a vida pessoal se torna comum para evitar prejudicar sua imagem. A sensação é de apagamento e marginalização. Entretanto, houve relatos de áreas com maior aceitabilidade das questões de gênero, como a Sociologia.

Meus empregos sempre foram muito tranquilos por conta da área, a sociologia tende a compreender melhor essas questões (Mulheres Cis Lésbicas).

As pessoas trans relataram dificuldades de inserção e permanência no mercado de trabalho, como evidenciado pela fala: *Fiquei super feliz quando passei na seleção para uma vaga de emprego na minha área, mas fui demitido assim que fui 'descoberto'* (Pessoas Trans). Também foi apontada a pressão para se adequarem aos padrões binários de gênero ou performarem características tidas como masculinas ou femininas.

Discussão

A pandemia exacerbou os desafios enfrentados pela população LGBTI+, como o acesso limitado a serviços de saúde, emprego e educação. Esses resultados confirmam estudos anteriores, como o de Bahia e colaboradores[7], que destacaram os impactos negativos da pandemia na saúde integral da população LGBTI+ no Brasil, e o de Ramos e colaboradores[8], que investigou as consequências para sua saúde mental.

Importa destacar a pluralidade que envolve as pessoas LGBTI+, considerando que as diversas formas de opressão operam de maneira conjunta e são reforçadas pelo racismo, machismo, misoginia, preconceito de classe social e todas as outras formas de discriminação[1]. Sendo assim, as pessoas cuja orientação sexual e identidade de gênero divergem da cisheteronormatividade encontram barreiras no seu direito ao acesso aos serviços de saúde, o que impacta diretamente na relação com o cuidado de sua saúde. Tais barreiras, como situações desagradáveis para conseguir atendimento, reafirmam que a orientação sexual e a identidade de gênero constituem determinantes e condicionantes de saúde, não apenas por implicarem em práticas sexuais e sociais específicas, mas também por expor as pessoas LGBTI+ a agravos decorrentes do estigma e da exclusão social[4].

Ademais, as dificuldades no acesso à saúde foram agravadas pela pandemia. Uma pesquisa da *OutRight Action International* apontou dados alarmantes sobre o impacto da pandemia na vida das pessoas LGBTI+, como o aumento das demandas sociais referentes à insegurança alimentar, as barreiras para acessar os serviços de saúde e medicamentos, o desemprego, os problemas habitacionais e de renda, os agravos nos tipos de violências e saúde mental, o distanciamento das redes de apoio, entre outros[3].

Todavia, uma das principais preocupações das pessoas participantes está relacionada à saúde mental. A solidão, a vulnerabilidade e o desamparo causados pelo afastamento de seus pares e atividades, somados à escassez de recursos em geral, foram agravados pelo distanciamento social. Esse cenário as

obrigou a viver, frequentemente, em ambientes inseguros e intolerantes. Essas condições estressantes e depressoras do isolamento social representam fatores de risco para populações vulneráveis, como a LGBTI+, podendo resultar em aumento da discriminação e da rejeição[9].

Destarte, há que se fazer um recorte quanto ao acesso à saúde da população trans. Apesar dos avanços alcançados, ainda existem obstáculos significativos, que incluem a falta de aceitação do nome social, dificuldades na comunicação com profissionais de saúde e uma compreensão inadequada da transsexualidade[10,11]. Ainda assim, a resolução 2265/2019 do Conselho Federal de Medicina representou uma conquista para a população trans, incluindo a possibilidade de hormonioterapia cruzada[12]. No entanto, a pandemia e as mudanças no SUS resultaram em interrupções no tratamento de algumas pessoas trans, que voltaram ao silêncio de sua corporeidade.

Os achados referentes à vivência LGBTI+ durante o período escolar identificaram que situações de preconceito estavam presentes na infância dos participantes. Diversos estudos já apontam o potencial da educação escolar em abordar gênero e sexualidade para diminuir a exposição de jovens LGBTI+ a situações de *bullying* ou até mesmo de agressões físicas[13], relatadas como vivências regulares durante o período escolar das pessoas entrevistadas. Contudo, um cenário que pode fazer com que as novas gerações de educandos passem por situações semelhantes refere-se à implementação da nova Base Nacional Curricular Comum, que, por um explícito silenciamento, deixa as questões de gênero e sexualidade desarticuladas do resto do currículo escolar, mostrando-se insuficiente em sua proposta[14,15]. Ademais, soma-se a este cenário o Movimento Escola Sem Partido, que, através da sua agenda conservadora, se projeta como um movimento de combate à chamada "ideologia de gênero", caracterizando um discurso evidente de perseguição aos corpos LGBTI+[16]

De maneira geral, o ambiente educacional ainda não se mostra acolhedor para as diferentes identidades de gênero e diversidades sexuais[17]. Assim, o preconceito e a discriminação são reproduzidos de forma silenciosa e, frequentemente, de maneira explicita, dificultando a permanência de pessoas LGBTI+. O ensino superior faz parte desse contexto. Apesar dos dados dessa pesquisa indicarem um ambiente mais preparado e inclusivo, a pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) em 2016 apontou que 60,2% dos estudantes LGBTI+ consultados se sentem inseguros ou diferentes devido à sua orientação sexual em sala de aula[18]. Ainda, os alunos, especialmente as pessoas transexuais, abandonaram o ensino devido a necessidade de trabalhar, experiências de preconceito institucional ou violência baseada na LGBTfobia.

Destaca-se que a ampla migração para modalidades remotas, imposta pela pandemia, nos ambientes educacionais, expôs e agravou as desigualdades sociais entre os grupos vulneráveis, devido à necessidade de recursos tecnológicos para o acesso[19,20].

Um fator crítico a ser considerado é a relação entre a situação econômica do país, o mercado de trabalho, tanto no que se refere à inserção quanto à permanência profissional, e a fonte de renda das pessoas LGBTI+. A falta de políticas públicas impactou negativamente milhares de vidas, resultando na perda de empregos ou significativa diminuição de suas rendas. A pesquisa do Coletivo Vote LGBT[21] em 2020 apontou que 44,3% das pessoas LGBTI+ tiveram suas atividades profissionais paralisadas pelo isolamento social. Adicionalmente, um em cada cinco participantes da pesquisa relatou não ter nenhuma fonte de renda na época.

Conclusão

O estudo revelou que a pandemia intensificou as barreiras enfrentadas pela população LGBTI+ e expôs a falta de preparo dos profissionais de saúde e educação em acolher essas pessoas. Isso agravou as desigualdades sociais, especialmente para a população trans, que ficou ainda mais vulnerável no mercado de trabalho e no acesso à saúde. É crucial que profissionais da saúde, educação e pesquisadores prestem atenção a essas questões. Ressalta-se que a amostra deste estudo, composta majoritariamente por alunos universitários, foi um fator limitante nos achados. Contudo, ficou evidente a existência de desafios no ambiente profissional e de renda.

Recomenda-se ampliar futuras pesquisas sobre o enfrentamento da pandemia com uma perspectiva interseccional, levando em conta as vulnerabilidades específicas desses grupos e projetando demandas para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

Referências

1- Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf.
2- Schneiderman I, Zagoory-Sharon O, Leckman JF, Feldman R. Oxytocin during the initial stages of romantic attachment: relations to couples' interactive reciprocity. Psychoneuroendocrinology 2012, 37(8):1277-85.
3- OutRight Action International. Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people. New York: OutRight Action International, 2020.
4- Oliveira FAG, de Carvalho HR, de Jesus JG. LGBTI+ em tempos de pandemia da Covid-19. Diversitates International Journal. 2020, 12(1):60-94.

5- Fricker M. Group testimony? The making of a collective good informant. Philosophy and Phenomenological Research. 2012, 84(2):249-76.
6- Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. Qualitative research in psychology. 2006, 3(2):77-101.
7- Bahia AGMFM, Camilloto LSB, Dezem LT, Bessa AC, Caldeira Neto, MA, Taets GGCC. Impacto da pandemia de COVID-19 na saúde integral das pessoas LGBT+: uma reflexão a partir da Teoria da Motivação Humana de Abraham Maslow. Enferm Bras. 2023; 22 (1):144-61.
8- Ramos ALBM, Guedes e Silva AVC, de Souza AF, de Oliveira, MCC, Pereira IFM, Minhoto TB, et al. Análise da saúde mental da população LGBTQIA+ frente à pandemia da COVID-19. Research, Society and Development. 2022, 11(12): e329111234687.
9- Linhares EM, da Costa Andrade J, Meneses ROC, de Ferraro Oliveira H, de Azevedo MRD. Angústia, insegurança e medo na população LGBTQIA+: Comprometimento da saúde mental na pandemia da COVID-19. Research, Society and Development. 2021, 10(8), e43810817136-e43810817136.
10- Rocon PC, Rodrigues A, Zamboni J, Pedrini MD. Dificuldades vividas por pessoas trans no acesso ao Sistema Único de Saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 2016, 21:2517-26.
11- Hanauer OFD, Hemmi APA. Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. Saúde em Debate. 2020, 43:91-106.
12- CFM, Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM nº 2265/2019 [Internet]. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 2019 [acesso em 20 de abril de 2023]. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-2.265-de-20-de-setembro-de-2019-23720329.
13- Silva IBDS, Barbosa ADAG. A dimensão social na psicopedagogia: violência como risco à aprendizagem. Revista Psicopedagogia. 2021, 38(116):254-71.
14- Monteiro SADS, RIBEIRO, PRM Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites. Pesquisa e Ensino. 2020, 1, e202011.
15- Silva JC, Maraschin A de A, Funari CA, Mello EMB, Junqueira, SM da S. Gênero e Sexualidade na BNCC: uma análise sob a perspectiva freireana. Diversidade e Educação, 2021, 8(2):152-76.
16- Miguel LF. Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordaça no parlamento brasileiro: escola sem partido (non-partisan school) and gag laws in brazilian congress (2016). Revista Direito e Práxis. 2016;7(15):1-1.
17- Guse HB, Waise TS, da Conceição Esquincalha A. O que pensam licenciandos (as) em matemática sobre sua formação para lidar com a diversidade sexual e de gênero em sala de aula?. Revista Baiana de Educação Matemática. 2020, *1*, e202012-e202012.
18- ABGLT. Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais. Disponível em: http://www.abglt.org.br/storage/downloads/relatorio_pesquisa.pdf. Acesso em: 23 jun. 2021.
19- Morais Neto AC, Tagnin LH, de Araújo AC, Sousa MIO, Barra BGA, et al. Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades. Rev. bras. educ. med. 2020, 44, supl. 1.
20- Moretti-Pires RO, Campos DAD, Tesser Junior ZC, Oliveira Junior JBD, Turatti BDO, et al. Pedagogical strategies in medical education to the challenges of Covid-19: scoping review. Revista Brasileira de Educação Médica. 2021, *45*.
21- Vote LGBT. Diagnóstico LGBT+ na Pandemia. Junho de 2020, Coletivo #VoteLGBT, Box 1824, Pesquisa M@n@s (UFMG/UNICAMP). Disponível em: https://votelgbt.org/s/vote-lgbt-box1824-diagnostico-LGBT-napandemia_completo.pdf. Acesso em: 23 de junho de 2021.

Como citar	de Oliveira Junior, J. B. ., de Menezes Portes, V., Ril, S. Y., Kazuo Iwassake, M., Mecabo, A. ., & Moretti-Pires, R. O. . (2025). RESISTÊNCIAS E VULNERABILIDADES DE PESSOAS LGBTI+ NA PANDEMIA DE COVID-19: SAÚDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO. *Revista Portal: Saúde E Sociedade*, *8*(unico). https://doi.org/10.28998/rpss.e02308026
	Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado
Agradecimentos	Agradecemos ao Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina, que mantém no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública a execução de pesquisas como essas.
Conflito de interesses	Sem conflito de interesse
Financiamento	Sem apoio financeiro
Contribuições dos autores	**Concepção e/ou desenho do estudo: OJJB. Aquisição, análise e interpretação dos dados: OJJB, PVM, RSY, IMK, MA. Redação e/ou revisão crítica do manuscrito: OJJB, PVM, RSY, IMK, MA, MPRO. Todos os autores aprovaram a versão final e concordaram em prestar contas sobre todos os aspectos do trabalho.**